

Famílias ocupam estação de trem abandonada

Fernanda Lambach
da equipe do Correio

19 JUN 1996

49 DE Invasão
CORREIO BRASILENSE

Parece um cenário de filme, daqueles cheios de mistério, fumaça e significados. Uma estação ferroviária abandonada, no Núcleo Bandeirante, cheia de bancos de espera vazios e portas onde aranhas fazem teias, virou moradia para quatro famílias.

São mulheres, crianças e trabalhadores atuantes na Rodoferroviária de Brasília, que ocupam os espaços vazios onde antes funcionavam escritórios da Rede Ferroviária Federal S.A. (RFFSA), e passageiros ansiosos esperavam pelo momento do embarque.

Nove portas, quatro famílias, uma mesma história. Ninguém tem casa própria, ninguém tem condições de pagar aluguel. As famílias viram a estação vazia e resolveram entrar, colocar um sofá, um colchão, montar uma cozinha, ter filhos.

SEM ALTERNATIVA

A primeira porta é da "casa" de Carlos Roberto Lopes, 40 anos, que se diz mestre-de-linha, uma espécie de fiscal para serviços de manutenção dos trilhos. "Moro aqui porque não tem outro jeito", simplifica. Carlos é desquitado e tem duas filhas, que moram em Itaporã (GO).

Ele garante não ter qualquer contrato com a RFFSA. "A sala estava vazia e então fui ocupando", relata.

Hoje, ele trabalha à noite e passa o dia sem camisa, com roupas simples, ouvindo música. Seu ideal: juntar dinheiro para um dia ter casa própria, de preferência em Taguatinga.

Em outra porta, Maria Domingas Coelho Nunes, 25 anos, faz almoço para o marido Carlito Pico, agente de estação da Rodoferroviária.

"Ele está dormindo até agora, 10h30, porque trabalhou a noite toda controlando a chegada e saída de trens", comenta, orgulhosa,

Domingas.

Há um ano e meio ela se casou com Pico e mudou-se para a velha estação. Ele já morava desde 1985 por lá. "Isso aqui funciona como um alojamento para nós. Temos sala, cozinha e dois quartos", afirma Domingas.

Com o salário líquido de R\$ 500, ela e o marido fazem supermercado e pagam a gasolina do gol que está estacionado em uma garagem improvisada, do lado dos trilhos de trem.

PRIVATIZAÇÃO

"Nosso medo é que, com a privatização da RFFSA, não tenhamos para onde ir", segreda Do-

mingas.

Segundo ela, o ideal seria poder morar ali até que o marido se aposentasse. "Em trinta anos teríamos tempo para construir muita coisa", continua.

SEM ALUGUEL

Já Raimunda Barros Silva, 24 anos, vizinha de Domingas, não gosta da realidade que vive diariamente na estação. "Eu morava antes na QND, em Taguatinga. Quero voltar para lá. Aqui é melhor só porque não pagamos aluguel", justifica.

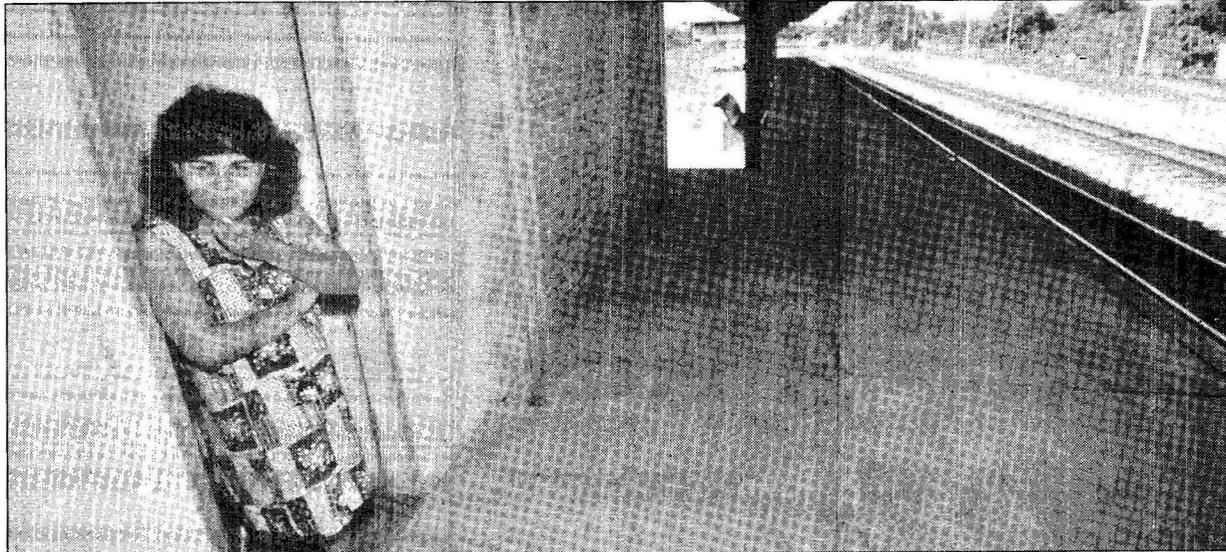
Às voltas com as fraudas da filha Fernanda, de três meses, a dona de casa passa a maior parte do

tempo ao lado do tanque e da pia da cozinha.

Só a família dela ocupa três das nove portas da estação. Uma irmã do Maranhão, Eliane Lima da Silva, e a prima Luzinete Barros Silva estão hospedadas na moradia improvisada. v

Éder Nunes Rosa, marido de Raimunda, é agente de estação e passa muito tempo fora de casa. Ele trabalha há 13 anos na RFFSA e há seis anos ocupou a estação. Tem um Escort e também procura economizar para pagar o plano de saúde da Golden Cross. Éder Nunes diz que pretende se mudar da estação de trem abandonada. Quando? Não sabe.

Carlos Eduardo



Maria Domingas Nunes, que chegou há um ano e meio na estação de trem: "Nosso medo é não ter para onde ir"